

## Domicílios chefiados por mulheres aumentam cerca de 50% na última década

Segundo o Censo 2010 do IBGE, o Município de São Paulo possuía 11.253.503 pessoas residentes, sendo 47,4% homens e 52,7% mulheres. As mulheres brancas representavam 61,2% da população feminina e as negras, 36,5%. As indígenas perfaziam apenas 0,1% desse contingente.

De um total de 3.578.674 domicílios permanentes registrados no município, em 2010, 44,1% tinham mulheres como responsáveis, fato que representou um aumento significativo no período intercensitário 2000-2010. Em 2000, as mulheres chefes de família (1) no MSP representavam 29,1% em relação ao total dos domicílios.

Os mapas a seguir representam as taxas de chefia familiar por gênero, segundo as Subprefeituras. Quando se observam as diferenças no espaço intra-urbano, nota-se que, entre as Subprefeituras existe uma disparidade de situações quanto ao predomínio de homens ou mulheres na chefia das famílias, não sendo possível identificar um padrão territorial na distribuição espacial dessas

situações. Em 2000, as maiores taxas de chefia masculina estavam em cerca de 75%. As mais elevadas taxas de chefia feminina estavam em torno de 35%.

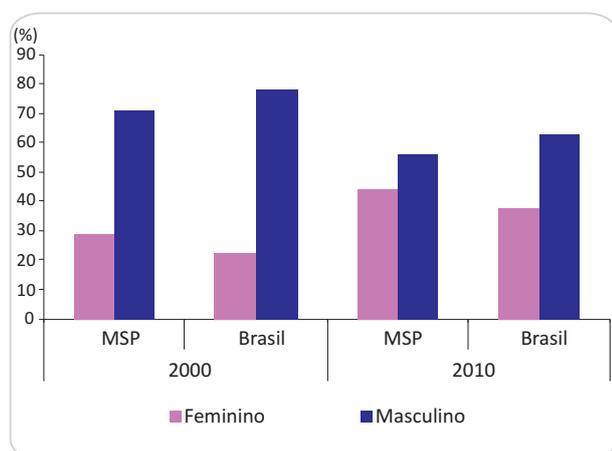
Em 2010, somente na Subprefeitura de Perus, a taxa de chefia feminina permanecia inferior a 40%, sendo equivalente a 36,5%. As maiores taxas femininas encontravam-se na Subprefeitura de Cidade Tiradentes, na qual, as mulheres representaram quase a metade dos responsáveis pelo domicílio (48,8%). Na periferia da Zona Sul, na Subprefeitura de Parelheiros, a referida taxa também aumentou significativamente, perfazendo 46,7%.

O crescimento da chefia feminina no Município, atingindo taxas acima de 40% do total de domicílios é, portanto, maior do que no plano nacional. No entanto, o crescimento da chefia feminina é uma tendência nacional, já que as mulheres são as responsáveis por 37,3% dos domicílios no Brasil (Censo de 2010). Em 2000, as mulheres chefes de família representavam apenas 22,2% no país.

Comparando-se os mapas referentes ao Censo de 2010 que indicam as grandes alterações nas taxas de chefia de mulheres e homens, observa-se que altas taxas de chefia feminina entre 45,5% e 48% encontram-se nos distritos pertencentes às subprefeituras mais centrais, quais sejam, na Sé, Lapa, Pinheiros, Vila Mariana. Em grande parte das Subprefeituras as taxas de chefia feminina situavam-se entre 42% e 45%.

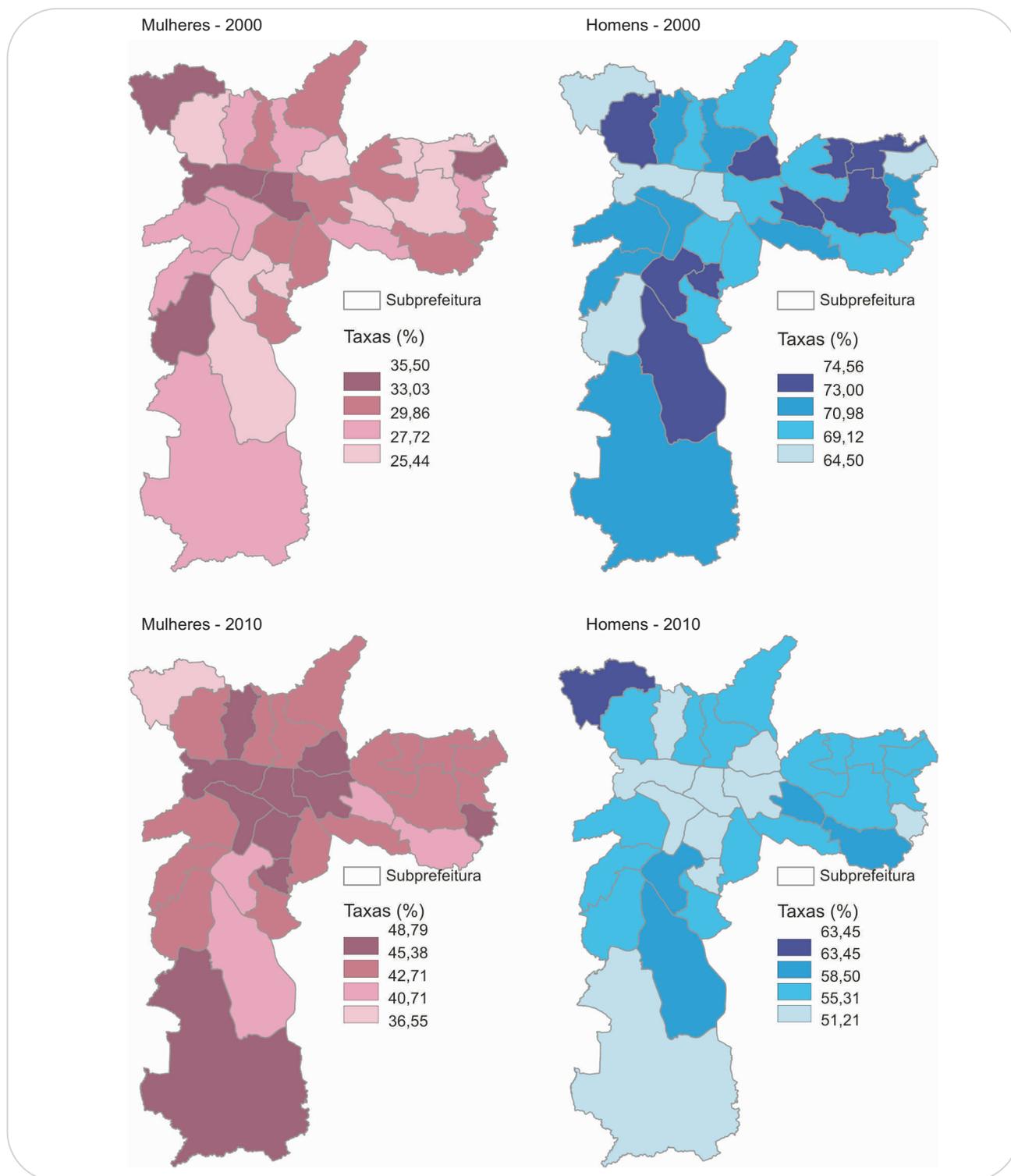
Em contrapartida, em 2010, as taxas de chefia masculina eram menores em Subprefeituras como em Vila Maria/Vila Guilherme (51,8%) e na Sé (52,3%), sendo que a maior taxa de chefia familiar masculina encontrava-se em Perus – 63,5%.

**Gráfico 1 - Responsáveis pelo domicílio por gênero**



Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 2000 e 2010

Mapa 1 - Taxas de Chefia Familiar por Gênero



Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 2000 e 2010

### Novos arranjos familiares

A tabela abaixo representa os arranjos familiares revelados pelo último Censo, em 2010, no Município de São Paulo. Pode-se observar um aumento percentual expressivo de domicílios unipessoais femininos, superando significativamente os unipessoais masculinos: 18,3% dos domicílios correspondem a mulheres vivendo

sozinhas. Esse dado possibilita levantar a hipótese de que há maior autonomia financeira em expressivo contingente de mulheres, devido ao ingresso e maior permanência no mercado de trabalho, além do aumento de escolaridade em nível superior e ao maior índice de envelhecimento da população feminina.

**Tabela 1 - Distribuição percentual dos arranjos domiciliares por sexo da pessoa de referência, segundo tipo de arranjo familiar Município de São Paulo – 2010.**

	Unipessoal	Com cônjuge e filhos	Com cônjuge sem filhos	sem cônjuge com filhos	Outros tipos
Homem	10,5	59,1	20,1	3,6	6,8
Mulher	18,3	26,9	9,9	34,7	10,3

Fonte: IBGE. Censo Demográfico, 2010.

Nessa mesma direção, dentre as famílias monoparentais com filhos, ou seja, comandadas por mulheres sem um cônjuge e com filhos, chama a atenção o fato de que as mulheres são as responsáveis por 34,7% dos domicílios, observando-se a grande proporção de famílias sob responsabilidade exclusiva das mulheres. Nesse tipo de arranjo, os homens são responsáveis por, apenas, 3,6% deles.

O padrão de casal com filhos ainda é maioria dentre os arranjos familiares no MSP, bem como no país, embora esteja em queda, fato coerente com o crescimento dos casais sem filhos. Desse modo, conclui-se que o arranjo familiar tradicional vem diminuindo, em favor de maior diversificação dos tipos de arranjos domiciliares. No conjunto do país, esse arranjo tradicional, qual seja, a família cujo responsável é masculino, com filhos, diminuiu para 49,4%, segundo o IBGE. Em São Paulo, este tipo de arranjo familiar ainda representa 59,1% dos arranjos domiciliares.

As múltiplas facetas dessas mulheres, como mães, donas de casa, cuidadoras de idosos e doentes, trabalhadoras, mulheres que vivem sós, e que, em sua maioria, são mulheres que têm dupla jornada de trabalho, apontam a necessidade crescente do suporte de equipamentos públicos no desenrolar de seu cotidiano. Vale mencionar a cada vez mais necessária ampliação do número de creches, pré-escolas, equipamentos de cuidados de idosos e idosas, adequados às diferentes estratégias de sobrevivência ainda esboçadas precariamente pela população feminina na cidade.

Por outro lado, a maior preocupação verificada entre as mulheres com a saúde dos membros da família, ou mesmo a busca de sua maior integração em postos de melhor qualificação no mercado de trabalho, fato indicado, no MSP, pelo crescimento do arranjo familiar unipessoal feminino e o arranjo familiar monoparental feminino com filhos, supõe a necessidade de uma nova articulação entre trabalho doméstico e trabalho remunerado.

Diante desses novos dados, o Estado, bem como organismos multilaterais, como a Organização Internacional do Trabalho – OIT, já se colocam frente à exigência de pensar políticas públicas voltadas à criação de condições que permitam a homens e mulheres escolher diferentes formas de equilíbrio entre vida familiar e trabalho remunerado, em diferentes fases da vida e organizar o compartilhamento de responsabilidades familiares com outras responsabilidades sociais.

(1) O termo atualmente utilizado pelo IBGE é “pessoa de referência” no domicílio. A adoção do termo “chefe” teve como objetivo a simplificação textual, devido ao seu uso corrente.

#### Referências:

IBGE. Censo Demográfico de 2010: famílias e domicílios: resultado da amostra. Comunicação Social, 17 de outubro de 2012. Acesso em 18 de outubro de 2012.

OIT. Trabalho e Família: rumo à novas formas de conciliação com co-responsabilidade social. Brasília: OIT/Secretaria de Políticas para Mulheres, 2010.



**PREFEITURA DE  
SÃO PAULO**

Gilberto Kassab  
**Prefeito**

Miguel Luiz Bucalem  
**Secretário Municipal de Desenvolvimento Urbano**

Domingos Pires de Oliveira Dias Neto  
**Secretário-adjunto**

Eduardo Mikalauskas  
**Chefe de Gabinete**

José Marcos Pereira de Araujo  
**Diretor do Departamento de Estatística e Produção de Informação**

**Informes Urbanos**

**Coordenação Técnica**  
Maria Lucia da Silveira

**Equipe Técnica**

Akinori Kawata  
André de Freitas Gonçalves  
José Benedito de Freitas  
Juliana Colli Munhoz  
Liane Lafer Schevs  
Marcos Toyotoshi Maeda  
Maria Isabel Rodrigues Paulino  
Maria Lucia da Silveira  
Maria Raimunda Marinho  
Marcia Regina Alessandri  
Maysa Miguita Paulino

Olimpio Bezerra Campos de Souza  
Regina Magalhães de Souza  
Ricardo de Miranda Kleiner  
Ricardo Ernesto Vasquez Beltrão  
Silvio Cesar Lima Ribeiro  
Tokiko Akamine

**Editoração**

André de Freitas Gonçalves

**Estagiários**

Pamela Almeida Alves  
Leandro Alves Gomes  
Luís Fenando Chiu Mariano da Silva

[http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/informes\\_urbanos](http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/informes_urbanos)